

# EUCLIDES DA CUNHA, O ESCRITOR E A SUA BRASILIDADE

Fábio Lucas (UFMG)

Artigo recebido em: 11/11/2009  
Aceito para publicação: 21/12/2009

## RESUMO

Euclides da Cunha, sociólogo, antropólogo e escritor. Seus escritos são marcados pela multiformidade e pelo grande volume de informações. Contraditório, foi cientista no absoluto que buscava e ao mesmo tempo artista, na relatividade que defendeu. Delineou com exatidão o cenário de intensas transformações políticas que vivenciou. Sem dúvida um marco para o desenvolvimento da crítica política brasileira.

**Palavras-chave:** Euclides da Cunha, **Os sertões**, **Contrastes e confrontos**.

## ABSTRACT

Euclides da Cunha, sociologist, anthropologist and writer. His writings are marked by the multiformality and by the great amount of information. Contradictory, he was the scientist of the absolute who searched but at the same time he was an artist of the relative who defended. He outlined with exactness the scenery of intense political transformation which he lived through. With doubt, he was a mark in the development of the Brazilian political criticism.

**Key words** Euclides da Cunha, **Os sertões**, **Confrontations and contrasts**.

## INTRODUÇÃO

Euclides da Cunha, neto de sertaneja, órfão no início da vida, viu-se desde cedo desprotegido das atenções maternas e da garantia e segurança de uma família estável. Mostrou-se continuamente um espírito sensível e impulsivo.

Formou o espírito numa época de profundas transformações políticas no Brasil - a passagem do período imperial para a fase republicana de nossa História.

Teve a atenção despertada principalmente para os temas históricos e políticos, aos quais aplicou os atributos mais expressivos de seu talento, com absorvente dedicação.

Republicano, empregou-se empenhadamente na causa que empolgava de modo especial a mentalidade jovem da época, que clamava por uma renovação de métodos na administração pública e na orientação política.

Seus estudos, como não poderia deixar de ser, foram demasiadamente marcados pela ciência que então importávamos da Europa e as novidades que excitavam a elite intelectual.

Morreu muito cedo, o notável escritor, assassinado aos 43 anos de idade, sem ter tido emprego duradouro, situação estável, sequer uma biblioteca permanentemente ao alcance de sua insaciável curiosidade.

Fosse um homem comum, teria deixado apenas uma obra representativa de seu tempo, marcada pelas qualidades e pelos defeitos que o correr dos dias se encarregaria de evidenciar. Mas foi um homem excepcional, cuja face mais extraordinária - razão de sua notável importância nos quadros de nossa formação - parece-nos encontrar-se no seu poder de expressão.

## O ESCRITOR

Na verdade, nenhum outro aspecto da vida e da obra de Euclides da Cunha é mais importante que o do escritor, em que alcança por vezes cintilações de gênio, seja na utilização da língua, seja na revelação de sentimentos vigorosos a serviço de um temperamento vivamente voltado para o lado mais eloquente dos acontecimentos.

É graças ao seu estilo que Euclides da Cunha pôde suplantar com vantagem as limitações enganosas da ciência de que se deixou absorver nos estudos que empreendeu. O temperamento, neste caso, superou a educação.

Consideremos a sua obra, **Os sertões** principalmente, onde o seu talento, os seus conhecimentos e a sua capacidade de análise mais se revelam.

## OBRA MULTIFORME

Em todos os escritos podemos aquilatar o volume extraordinário de informações livrescas que arrebanhava, de modo especial nos campos da Geografia, da Geologia, da Botânica, da Etnologia, da Antropologia, da Psiquiatria, da Filosofia, da Política, da Literatura e da Sociologia.

É preciso não esquecer que Euclides da Cunha foi, para ficarmos no seu perfil mais cotidiano, um engenheiro que fazia incursões nas letras. Por tendência e aptidão, estava sempre voltado para as ciências sociais.

Digamos, de início, que Euclides da Cunha era um cientista social amador. Não será sem propósito lembrar aqui que, entre as suas primeiras manifestações literárias, se encontra a colaboração que iniciou a 29 de dezembro de 1888 na **Província de São Paulo** (hoje **O Estado de S. Paulo**) na seção “Questões Sociais”, significativamente com o pseudônimo de Proudhon. Aos 22 anos de idade (próximo, por alguns dias, dos 23, portanto).

## O CIENTISTA SOCIAL

Se quisermos abordar Euclides da Cunha como sociólogo, diremos que as circunstâncias é que o impeliram até lá. Essencialmente escritor, tinha por índole a vocação partidária. Daí, os temas políticos o apaixonaram tanto, especialmente a causa republicana. O seu notável pendor pela história, dir-se-á, advém da paixão pela política. Foi, de certa forma, um historiador participante, e quase sempre tomava partido ao narrar os eventos históricos da humanidade ou de sua pátria.

De outro lado, as fontes de saber de que se alimentava quase que o aprisionaram numa estrutura de enquadramento bastante circunscrita. Foi o seu gênio forte e a incapacidade de conter-se nas regras teóricas e práticas que o levaram a superar os esquemas da ciência oficial. Como cientista social, talvez se nos apresentasse hoje como um homem ponderado, eficiente, grande conhecedor dos principais livros que a civilização produzia na época, todavia cabalmente superado, com o extraordinário avanço científico do século.

Se a vocação partidária o impelia à Política e se esta o levava à História, a sua inexcedível curiosidade a respeito do homem conduziu-o à Etnologia e à Psicologia Social. A ciência racista da época incidia a sua análise de modo especial sobre os fenômenos extraordinários, procurando a confirmação de suas regras pouco flexíveis no terreno das exceções.

O fenômeno era universal. Basta que conheçamos a projeção dele em

nossa literatura para nos darmos conta do número incrível de caracteres doentios a inspirarem os principais escritores do realismo e do naturalismo.

Euclides da Cunha, receptivo como era às novidades, sofreu influência indireta de Ratzel, o insinuante arquiteto da antropogeografia, de Darwin, prógono de toda uma escola, de Gumplowicks, de Comte, de Marx e de alguns outros responsáveis pelo clima científico que, sob o pretexto de objetividade e certeza, submetia a ciência do homem às leis das ciências naturais, operando dupla deformação: a do homem reificado e a da natureza determinante. Na interrelação de ambos, um imperdoável desvio.

Mas o contato direto com os acontecimentos e o amadurecimento intelectual foram paulatinamente aluindo aquela crosta artificial de seus conhecimentos eruditos, enquanto a técnica da *observação participante* que instintivamente, por mera inspiração, ele adotou, foi transferindo-o gradualmente do terreno de uma Antropologia arcaica para o esboço de uma Sociologia aplicada.

Apesar de firmemente seduzido pelas idéias racistas e de domínio do meio sobre o homem, já na prova escrita do concurso que disputou no Colégio Pedro II, em maio de 1909 (ano de seu falecimento) elaborava um pensamento que continha dúvida acerca das tantas certezas que atacam os espíritos mais vulneráveis: “Em toda a parte todas as nações se alteram porque a verdade é móvel, é, como a vida, um fato complexo que continua...”

Profundamente contraditório o nosso Euclides! Enquanto observador de Canudos à distância, julgava, como todos os republicanos, haver ali um desafio à República recém-implantada.

Antônio Conselheiro e seu grupo infeliz, vitimados por um sistema de produção latifundiário e patriarcal, não passavam de agentes da Monarquia em conluio com potências estrangeiras. Daí, o tom heróico que imprimiu às suas primeiras considerações a respeito do episódio de Canudos: “A República sairá triunfante desta última prova” (assim concluía o artigo “A nossa Vendéia”, publicado em março de 1897). Mais tarde procuraria enquadrar aquela população rebelada no esquema das patologias sociais.

Transportado ao cenário das lutas, irá logo em seguida, em páginas de estilo fulgurante, exaltar os filhos da mestiçagem que a sua ciência indicava ser a causa de degeneração e amesquinamento do ser humano.

Aliás, para ilustrar a sua afeição pelos fatos, vale a pena recordar o episódio narrado por João Luso numa crônica que serve de introdução ao livro **Contrastes e confrontos**:

Euclides tinha, como escritor, uma teoria que não devia ser apenas uma teoria de arte, mas a sua maneira de ser em todas as coisas. Uma vez, conversando, não sei já como viemos a falar de certo cronista - também já me não lembro o cronista - fútil e oco, mas sempre mais ou menos brilhante, capaz de tomar a pena, sem noção de que ela iria rabiscar, sem assunto a desenvolver, sem idéia fundamental a apresentar e, entretanto, compor uma página, que se lia com interesse e prazer... - Admiro esses tipos! - exclamou ele, com sinceridade. Acho-os inquestionavelmente superiores, com essa faculdade de tirar do nada alguma coisa, que se veja. Pelo menos, em relação a mim próprio, obrigam-se a reconhecer-lhes esta superioridade: É que eu sou como certos pássaros que, para despedir o vôo, precisam de trepar primeiro a um arbusto. Abandonados no solo raso e nu, de nada lhes servem as asas; e têm que ir por ali fora à procura do seu arbusto. Ora, o meu arbusto é o Fato (CUNHA, 1941, p. 42).

## ANTROPÓLOGO

Podemos encontrar, na história de nossa elaboração intelectual, duas correntes bem nítidas no campo da Antropologia brasileira: de um lado, uma corrente *globalista* (representada inicialmente por Sílvio Romero e Oliveira Viana), cuja análise apanha o País como um todo; de outro lado, uma corrente *diferencial*, que retrata o País como um mosaíco de regionalismos. Neste caso, se incluiria Euclides da Cunha que, reconhecendo a heterogeneidade social do Brasil, em decorrência de sua diversidade geográfica, foi “um dos fundadores de nossa sociologia regional” no dizer de Guerreiro Ramos.

Quer-nos parecer, todavia, que a análise de Euclides da Cunha tivesse propósito mais amplo, pois o seu desespero maior residiu justamente no fato de a civilização do litoral não se ter voltado ainda para os interesses da população sertaneja, com os propósitos de integrá-la em nossa nacionalidade. Na verdade, não analisou o sertão como um fato isolado, perdido no interior do Brasil a exigir uma interpretação restritiva; colocou o sertão no seu contexto social e demonstrou que o isolamento e a penúria dos nossos irmãos eram produto principalmente da sociedade que vivia no litoral. As frentes de civilização que estabeleciam contato com os sertanejos eram agressivas e indóceis. Além do mais, as instituições consolidavam um tipo de exploração econômica danosa aos interesses dos camponeses. Teve a capacidade, portanto, de partir de um fato particular para o fato social total.

Tão aguda era a percepção de Euclides da Cunha que ele pôde observar que o litoral e o sertão tinham a separá-los entre si não apenas as distâncias, o espaço, mas sobretudo “três séculos de civilização”.

A visão global tentada por Euclides pode perfeitamente ser explorada a partir

de suas incisivas afirmações no início de seu livro capital: “Estamos condenados à Civilização. Ou progredimos ou desaparecemos” **Os sertões** (1944, p. 70).

Ele próprio se alertara dos confusos rumos da Antropologia nacional. Basta que leiamos pausadamente este trecho, colhido no início de **Os sertões**, logo após uma exposição a respeito da heterogeneidade do meio brasileiro:

Como quer que seja, estas rápidas considerações explicam as disparidades de vistas que reinam entre os nossos antropólogos. Forrando-se, em geral, à tarefa penosa de subordinar as suas pesquisas a condições tão complexas, têm atendido sobremaneira ao preponderar das capacidades étnicas. Ora, a despeito da grave influência destas, não a negamos, elas foram entre nós levadas ao exagero, determinando a irrupção de uma meiaciência difundida num extravagar de fantasias, sobre ousadas, estéreis. Há como que um excesso de subjetivismo no ânimo dos que entre nós, nos últimos tempos, cogitam de coisas tão sérias com uma volubilidade algo escandalosa, atentas às proporções do assunto. Começam excluindo em grande parte os materiais objetivos oferecidos pelas circunstâncias mesológica e histórica. Jogam, depois, e entrelaçam e fundem as três raças consoante os caprichos que os impelem no momento. E fazem repontar desta metaquímica sonhadora alguns precipitados fictícios. (1944, p. 69).

Guerreiro Ramos, que na **Introdução crítica à sociologia brasileira** (Editorial Andes, 1957), não contém a sua grande simpatia para com Euclides da Cunha, encontra nele elementos racionais de superação das influências deformadoras do pensamento estrangeiro, talvez na mesma linha daqueles que hoje, analisando o movimento literário da “Antropofagia”, surpreenderam ali (com exagero, não há dúvida) o propósito firmado de o nacional se alimentar dos fornecimentos externos digerindo-os, assimilando-os ao organismo importador em ato de apropriação enriquecedora:

De resto - diz ele - em matéria de relações de raça no Brasil, Euclides da Cunha equivocou-se tanto quanto, por exemplo, Nina Rodrigues. E o que, entretanto, o diferencia do último e dos seus seguidores são duas coisas: em primeiro lugar, a sua atitude crítico-assimilativa em face da ciência estrangeira, que ele utilizou, sem passividade e sem basbaquice, mas com plena lucidez, repensando os conceitos e as teorias, à luz dos fatos que coletava. Jamais é surpreendido na prática de meros confrontos de textos de cientistas estrangeiros, de dissertações doutorais anódinas ou do *crochet* de citações. As páginas de seus livros são inteiriças, expressão direta do que o autor pensa. Há que se sublinhar, pois, aqui, a autenticidade de um esforço de compreensão merecedor, só por isso, de ser apresentado como paradigmático dos cientistas brasileiros (1957 ,p. 132).

Parece-nos, todavia, que a oportunidade de realizar uma “observação

participante” modificou extraordinariamente o pensamento de Euclides da Cunha, a ponto de grande parte de seu arrazoado técnico chocar-se com a imanência dos episódios tão eloqüentemente narrados em **Os sertões**.

De certa forma, Guerreiro Ramos o reconhece, ao evidenciar não somente os equívocos da ciência que Euclides abraçava, como também a cegueira dos que se fiaram apenas nos argumentos teóricos do notável escritor:

Euclides da Cunha elaborou os seus estudos sobre os problemas étnicos no Brasil em época em que os conceitos de cultura e raça não estavam perfeitamente desembaraçados um do outro. A distinção entre o processo biológico e o processo social, hoje corriqueira e nítida nos compêndios de Sociologia e Antropologia, não tinha sido alcançada ainda pela ciência do tempo de Euclides (p. 131). Os antropólogos e sociólogos da corrente que tenho chamado de “consular” entenderam escassamente ou de nenhum modo o significado profundo de **Os sertões**, preocupando-se em descobrir no livro os erros de técnica científica. Arthur Ramos o considerou um “terrível anátema contra o nosso povo de mestiços”. Mas é justamente o inverso. (p. 133). A superioridade de Euclides da Cunha enquanto sociólogo, quando comparado a estudiosos como Nina Rodrigues, Arthur Ramos ou Gilberto Freire, é não ter utilizado a ciência estrangeira simétrica e mecanicamente. Não importam seus erros. Temos de aprender com ele a assumir atitude integrada na realidade nacional. Não é difícil escrever obras com o propósito de mostrar que se sabe bem uma lição ou como quem escreve deveres colegiais. Os acertos dos atuais sociólogos e antropólogos consulares e os equívocos de Euclides da Cunha se equivalem: uns e outros são importados ou frutos de nossas obnubilações pelos “prestígios” ocasionais dos centros estrangeiros (p. 134).

Mas voltemos à sua caracterização como cientista social. No episódio de Canudos, Euclides da Cunha foi convidado a testar os seus preceitos de Etnologia, bem assim os seus conceitos de Sociologia.

Numa só oportunidade ele pôde fotografar simultaneamente a efervescência de acontecimentos atuais, de larga repercussão nacional, e o encontro insólito de duas culturas.

## ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA

Admitindo-se que a Antropologia estuda o comportamento biocultural do homem, penetrando os caracteres físicos e psíquicos projetados no contexto cultural, (houve quem definisse a Antropologia como “ciência da humanidade” ou como “história natural do gênero humano”) e concebendo-se a cultura como tudo aquilo

que resulta do esforço criador do homem, constituindo o resíduo de adaptação biopsíquica deste ao meio, não será forçado admitir que Euclides da Cunha possa tanto ser estudado como antropólogo quanto como sociólogo. Ademais, os campos de referência de ambas as ciências se interpenetram repetidas vezes, tornando as suas fronteiras não raro indeterminadas e flexíveis. Pode-se até invocar no caso o esforço de Radcliffe-Brown, que, na Inglaterra, procurou identificar a Sociologia com a Antropologia.

Se quisermos, todavia, delimitar os campos preferenciais da elaboração científica, diríamos que à Antropologia cumpre o estudo das culturas, mormente nas sociedades de *folk*, até as suas mais avançadas formas campesinas; e que à Sociologia cabe a apreciação sistemática dos fatos sociais emergentes de modo preferencial nas sociedades urbanas.

A aproximação simpática do antropólogo às suas fontes de análise e a participação do sociólogo nas correntes de interesse que pretende destacar constituem os métodos mais fecundos de estudo dos últimos tempos. Talvez Euclides da Cunha os haja adotado por forte inspiração, ignorando a avaliação de sua importância, o que somente as correntes mais modernas foram aconselhar, baseadas em experiências e aferições.

## AS DUAS FACES

Em contato com os “fanáticos” (assim eram denominados os insurretos de Canudos), compreendendo o seu drama e presenciando a sua coragem e valentia, Euclides dobrou-se à sua causa, sem pretender a manutenção de uma coerência intelectual que o levava a contrapor-se ao movimento e a interpretar a multidão revoltada como uma “coletividade anormal”. Antônio Conselheiro, diante de seus olhos vivamente impressionados, não será mais apenas um degenerado, um caso de Psiquiatria.

Essa duplicidade de Euclides da Cunha, homem de saber e intérprete voluntarioso dos acontecimentos, é muito bem posta em relevo por Nelson Werneck Sodré, no seu livro **A ideologia do colonialismo**:

Existe em Euclides da Cunha um dualismo singular, de que os seus livros estão pontilhados: enquanto observa, testemunha, assiste, conhece por si mesmo, tem uma veracidade, uma importância, uma profundidade e uma grandeza insuperável; enquanto transmite a ciência alheia, ainda sobre o que ele mesmo viu, testemunhou, assistiu, conheceu, resvala para o teorismo vazio, para a digressão subjetiva, para a ênfase científica, para a tese desprovida de demonstração. Vai a



Canudos, presencia a luta tremenda que ali se trava, e transmite ao seu Diário as impressões indelévels, honestas, exatas - o sertanejo é titã. Volta de Canudos e arma-se de bagagem teórica para fazer do rascunho um livro, e apenas traduz as teorias alheias, enfatizando-as - e o sertanejo é uma sub-raça, e o cruzamento é um desastre genético, e o negro e o índio são raças primitivas, e há uma seleção natural, e deve-se aplicar às sociedades as teses do transformismo e do evolucionismo, daquele falso materialismo que, em suma, foi o aborto científico de fase justificatória e apologética... Mas, adiante, depois da introdução sobre o meio físico e sobre o meio humano, em que tais teses se expandem, descreve, com vigor épico, as maravilhas dos sertanejos, a sua áspera noção de honra, a sua bravura, a sua inteireza, a sua resistência, porque transmite o que viu, o que assistiu, o que testemunhou. Sobre a Amazônia, o que escreve antes de a conhecer tem uma orientação - e espousa as teses doutrinárias do colonialismo; o que escreve depois de a conhecer é o inverso - o seringueiro é um bravo, apenas vítima da espoliação económica, um desbravador do deserto, um bandeirante (WERNECK, 1961, p142-143).

## NACIONALISMO

Podemos dizer que o impacto dos fatos contribuiu decididamente para a modificação da mentalidade do autor de **Os sertões**, assim como começou a firmar nele convicções de cunho nacionalista que, vivesse por mais tempo, acabariam por torná-lo o primeiro grande sistematizador desse ponto-de-vista intelectual.

Já em **Contrastes e confrontos** encontramos vez por outra um apreciável pendor para a perspectiva nacional de exame dos problemas locais. Vejamos um exemplo:

Porque afinal é lastimável que ainda hoje procuremos nas velhas páginas de Saint-Hilaire... notícias do Brasil. Alheamo-nos desta terra. Criamos a extravagância de um exílio subjetivo, que ela afasta, enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seu seio desconhecido (1941, p. 85/86).

Aquilo que havia nele de nacionalismo territorial, político e ideológico, desbordaria também aos campos da produção literária, conforme seria facilmente demonstrável em toda a sua obra. Vejamos este trecho do seu prefácio ao livro **Inferno verde** de Alberto Rangel:

[...] cumpre-nos não esquecer o falso e o incarácterístico da nossa estrutura mental, onde, sobretudo, preponderam reagentes alheios ao gênio da nossa raça. Pensamos demasiado em francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno colonato espiritual, quase um século após a autonomia política. Desde a construção das frases ao seriar das idéias, respeitamos

em excesso os preceitos das culturas exóticas, que nos deslumbram - e formamos singulares estados de consciência *a priori*, cegos aos quadros reais da nossa vida, por maneira que o próprio caráter desaparece-nos, folheado de outros atributos, que lhe truncam, ou amortece, as arestas originárias. O que se diz escritor, entre nós, não é um espírito a robustecer-se ante a sugestão vivificante dos materiais objetivos, que o rodeiam, senão a inteligência, que se desnatura numa dissimulação sistematizada. Institui-se uma sorte de mimetismo psíquico nessa covardia de nos forrarmos, pela semelhança externa, aos povos que nos intimidam e nos encantam. De modo que, versando as nossas coisas, nos salteia o preconceito de sermos o menos brasileiros que nos for possível. E traduzimo-nos eruditamente, em português, deslembrando-nos que o nosso orgulho máximo deverá consistir em que ao português lhe custasse a traduzir-nos, lendo-nos na mesma língua. De qualquer modo, é tempo de nos emanciparmos. “Nas ciências, mercê de seus reflexos filosóficos superiores estabelecendo a solidariedade e harmonia universais do espírito humano, compreende-se que nos dobreemos a todos os influxos estranhos. Mas nenhum mestre, além das nossas fronteiras, nos alentará a impressão artística, ou poderá sequer interpretá-la (1920, p. 58).

Terminemos com um retorno aos pontos centrais de nossa tese. Primeiro, documentemos com um trecho de sua colaboração para **O Estado de S. Paulo** a sua noção globalista do país e o seu anseio de uma unidade integradora de todos os brasileiros na mesma comunidade de interesses, com uma afirmação de grandeza que arquiva a ciência européia entendida sem crítica:

Sejamos justos - há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados, e cada vez mais acredito que a mais bela vitória, a conquista real, consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, à nossa existência política. (1901, p.30)

É preciso insistir sempre em que Euclides da Cunha era um otimista, que acreditava nas possibilidades do futuro e na necessidade de superação do atraso. Observe-se apenas o início de seu trabalho “Civilização”, em que analisa a visão pessimista da história:

Convenha-se em que Spencer - Spencer o da última hora, o Spencer valetudinário, o misantropo que chegou aos primeiros dias deste século para o amaldiçoar e morrer - desgarrou da verdade ao afirmar que há nestes tempos, um recuo para barbaria. Viu a vida universal com a vista cansada dos velhos. Não a compreendeu. Não lhe apreendeu os aspectos variadíssimos e novos (1941, p. 225).

Termina-o dizendo: “Os tempos que vão passando são, na verdade, admiráveis (p. 261).

Depois, mobilizemos o seu **Diário de campanha** para, finalmente, converter em verdade provada a nossa hipótese de que a sua presença no cenário das lutas de Canudos levou-o ao método da “observação participante” e o transformou profundamente, tanto no plano existencial quanto no plano intelectual, mercê de sua penetração aguda no significado dos eventos humanos, que caracterizavam marcadamente o seu estilo grandíloquo, aliciante:

Felizes os que não presenciaram nunca um cenário igual... Quando eu voltei, percorrendo, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixado muitas idéias perdidas naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue... (1966, p. 205).

Sente-se o escritor e percebe-se o cientista. O primeiro conduzido por um espírito dramático e um estilo fundado em hipérboles, o segundo capaz de superar as abstrações de um conceitualismo inepto em favor de uma interpretação induzida dos fatos. Um escritor que apurava a sua percepção lírica e um cientista social interessado, que se envolvia no processo e tentava colaborar na sua orientação. Assim, a longo prazo, tudo indica que História, Sociologia, Antropologia e Política acabariam convertidas, em suas mãos, aos interesses nacionalistas da Pátria.

## PSICOLOGIA, CIÊNCIA E ARTE

### Duplicidade de Euclides da Cunha

A muitos tem espantado certas contradições entre uma fase e outra de Euclides, entre as teorias científicas que alardeava e as conclusões que retirava dos fatos, entre o absoluto que buscou e a relatividade que defendeu. A crítica aponta algumas dessas contradições, não sem assinalar que, para resolvê-las, Euclides saía pelo melhor caminho, vencendo os dogmatismos de que se imbuíra nos primeiros estudos. Calejado de superar-se, pôde, a certa altura, assumir posição mais humilde diante da realidade analisável. Está em sua prova escrita de maio de 1909 o seguinte - “Em toda a parte todas as noções se alteram porque a verdade é móvel, é como a vida, um fato complexo que continua...” A verdade é móvel. “Esse talvez não fosse o pensamento do jovem que, em São Paulo, longe do teatro das operações, referindo-se a Canudos (“A Nossa Vendêa”), terminava assim, em março de 1897, o primeiro artigo: “A República sairá triunfante desta última prova.” Que são, afinal, **Os sertões?** Um formidável libelo contra a República!

Mas, a própria obra-prima de Euclides encerra algumas contradições. A miscigenação, por exemplo, é condenada por enfraquecer as raças. Euclides, em seus estudos, predispunha-se a conhecer apenas dois tipos de raças: as fortes e as fracas. O mestiço instável tenderia a regredir às raças matrizes. Era a teoria. Lê-se em **Os sertões**: “Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso.” Mais adiante: “...o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável...” (1950, p. 1.008).

O mestiço é ainda tachado de “decaído”, portador de “hibridez moral” etc. Era a teoria... No final do livro, depois de um relato empolgante de heroísmo de lado a lado na luta de mestiços, o leitor é levado, num roldão de entusiasmos, a render-se, com espanto e admiração, à evidência suprema: o sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não houve rendição em Canudos. A covardia não encontrou abrigo num só casebre dos 5 mil que compunham o reduto rebelde. O hibridismo moral não se manifestou na situação extrema...

A pretensa objetividade de Euclides contrastava com sua intuição artística, sua observação dos fatos. Rui Facó assinala que Euclides da Cunha “... embora situando-se em posições filosóficas errôneas, acertou muitas vezes contra as próprias concepções que adotara”(1958). Acrescenta mais adiante: “...o fato altamente positivo é que, mesmo imbuído de falsas teorias antropológicas, de conceitos reacionários, apesar disso, foi um homem de pensamento avançado, um dos vanguardeiros das idéias progressistas do Brasil em seu tempo” (1958). E Gilberto Freyre, em conferência que data de 1940, já mencionava essa duplicidade do autor de **Os sertões**:

[...] Euclides da Cunha viu-se às vezes arrastado pelo que considerava a antropologia científica na sua expressão única e definitiva, a acreditar na incapacidade do mestiço: incapacidade biológica, fatal. Mas o certo é que não se extremou em místico de qualquer teoria de superioridade de raça. O perfil que traça do sertanejo não é de um devoto absoluto de tal superioridade (1943, p. 17).

Também na teoria literária ficou Euclides entre situações opostas. Eugênio Gomes aponta nele a influência do parnasianismo, “ao qual rendeu [...] não pequeno tributo” (1966, p.303). Pois bem: em plena vigência daquela escola literária, que se caracterizou por uma atitude aristocrática na escolha dos assuntos, isenta na filosofia de vida e fria na realização técnica da obra, Euclides soube ser um deslumbrado diante do mundo, um participante de dramas humanos, um escritor eloquente na defesa de suas idéias. Franklin de Oliveira chega a atribuir sua permanência à sua consciência social “... a consciência ética que levou Euclides a banir da literatura

seu sentido diletante, para à literatura dar espírito de missão” (1986, p. 304). Como explicar essa oposição do teórico ao prático, da cultura à ação, do homem em si ao homem em situação?

## **Alienação científica e pensamento situado**

Não houve desdobramento de uma personalidade, mas condicionamentos diferentes. De um lado, a sociedade que hauria fórmulas e conhecimentos transplantados do estrangeiro, sem passá-los por uma adaptação e submetê-los às necessidades do pensamento inferido da realidade brasileira, transmitia-lhe mecanicamente um sistema de idéias oracular, diante do qual - presumia-se - só era possível ao aprendiz crer e admirar; de outro lado, o teatro dos acontecimentos mostrava-se infenso aos apriorismos que lhe foram ministrados, o que o obrigava a buscar interpretações mais consentâneas com a natureza dos fatos.

Em Euclides da Cunha, uma coisa é o homem de gabinete, impregnado de falsa cultura e fervoroso adepto de um suposto objetivismo; outra coisa é o trabalhador de campo, provado nas lides da vida social, em que os múltiplos jogos de interesse baralhavam as linhas inflexíveis do dogmatismo. Rui Facó logrou, no artigo mencionado, captar esse bifrontismo na vida e na obra de Euclides da Cunha, quando assinala:

Em Euclides da Cunha travava-se uma luta constante entre o homem que procedia das classes dominantes - com todas as suas opiniões preconcebidas, falsos conceitos de raça e meio geográfico - e o estudioso atento e honesto da realidade brasileira em contato direto com o povo. Entre a massa camponesa não surpreendeu, como uma aspiração imediata e clara, a exigência da posse da terra, uma aspiração consciente de livrar-se da escravidão do latifúndio. Tampouco a jovem burguesia brasileira, no seu estágio de atraso, subordinada politicamente aos latifundiários e já sofrendo as consequências da penetração do capital estrangeiro no País, tampouco ela reclamava uma mudança radical na estrutura agrária. (1958)

Já dissemos que **Os sertões** situam-se ao nível cultural da época. Euclides, como homem de erudição, estava a par das correntes de pensamento dominantes e serviu-se do acervo de informações culturais para programar e executar sua obra-prima. É bem verdade que apenas seu instrumental científico não daria para realizar o que nos deixou. Sua intuição penetrante, quer no campo da Psicologia, quer nos domínios dos problemas sociais, é que o fizeram superar os instrumentos de que dispunha. Assim, os preconceitos das raças fortes foram caindo à medida que, em trabalho de campo, ia verificando que as chamadas “raças inferiores” eram capazes

de cometimentos muito mais altos do que faziam esperar as lições que, a respeito delas, auferia no recesso dos gabinetes.

Se refletisse sobre isso, teria sido mais fecundo ainda o seu trabalho, pois lhe seria permitido elaborar novo sistema de idéias, que englobasse outros ingredientes condicionadores do comportamento humano. Faltou-lhe sistematizar as contradições com se que defrontou e que foram traduzidas magistralmente em sua obra-prima. Se os fatos superavam sua ciência, seria justo que ele procurasse as causas desse desajuste. Nesse trabalho de investigação, teria encontrado os novos caminhos para as ciências sociais, então já palmilhadas por outros estudiosos em diversos países.

A intuição de Euclides, portanto, foi, por assim dizer, mais forte que sua formação cultural. A completar sua obra, restaram as magistras soluções literárias, que consolidaram sua permanência na área de curiosidade da crítica. A ciência, apenas, talvez o tivesse matado, para o gosto do público e dos setores especializados, no limiar da geração seguinte. Faria dele figura secundária.

Assim sendo, Euclides, não tendo reformado as ciências sociais de que era conhecedor - porque não analisou especificamente as contradições e as deficiências encontradas ao longo de sua aplicação - projetou sobre o século a força de sua intuição revisionista e até mesmo reformadora, manifestação primária mas, no caso, excepcionalmente robusta, de um prógono incontestado. Ao mesmo tempo, senhor de uma sensibilidade literária fora do comum, criou um estilo, resolveu os problemas formais com extrema originalidade, assegurando assim seu lugar na literatura brasileira.

Tanto havia de convencional em sua posição científica quanto nada possuía de factício seu apego generoso às causas políticas com que defrontara. Sob esse aspecto, Euclides era um homem disponível. Não tentou conduzir os acontecimentos para pô-los de acordo com idéias preestabelecidas; antes, deixou-se levar por eles. Pode-se observar até que, à medida que envelhecia, ia perdendo o apreço pela ciência em que tão confiadamente acreditou e mais se agarrava à dialética dos fatos. A certa altura, conforme vimos, já admitia que a verdade fosse móvel.

No célebre concurso que disputou com Farias Brito, desfechou crítica fulminante contra os filósofos que mais entusiasmavam a inteligência brasileira de então:

Kant, sobretudo - dirá em carta a Oliveira Lima - assombra-me não já pela incoerência (porque é o exemplo mais escandaloso de um filósofo a destruir o seu próprio sistema), senão pelos exageros apriorísticos que o reduzem. A minha opinião de hoje é esta: o famoso solitário de Königsberg, diante do qual, ainda hoje, se ajoelha a metade da Europa pensante, é apenas um Aristóteles estragado. Comte (que eu só

conhecia e admirava através da matemática) revelou-se-me, no agitar idéias preconcebidas e prenoções, e princípios, um ideólogo capaz de emparceirar-se ao mais vesânico dos escolásticos, sem distinção de nuanças, em toda a linha agitada que vai de Roscelino a São Tomás de Aquino. E quanto a Espinosa, surpreende-me que durante tanto tempo a humanidade tomasse ao sério um sujeito que arranjou artes de ser doido com regra e método, pondo a alucinação em silogismo! (1909 [s.p])

## A arte como redutora da ciência

Ao dar cunho artístico à sua obra, parece que Euclides era mais sentimento que memória cultural. A geometria inabalável de seus preceitos científicos teve de amoldar-se às surpresas da vida e o homem genial pode, sem erros graves, manejar instrumentos impróprios na defesa de uma tese procedente. De posse de um modelo cultural importado, tentou, dentro do esquema do pensamento colonial, interpretar a realidade indígena. Na justaposição dessas quantidades heterogêneas, manifestou-se, aos seus olhos argutos, um sério conflito. Para casar os fatos decorrentes de nossa estrutura social com a ciência interpretativa gerada pelos fatos sociais de outra estrutura, teria apenas duas alternativas: ou adaptava os fatos da vida brasileira aos métodos de interpretação importados, critério normalmente posto em prática pelos estudiosos de seu tempo, ou submetia o instrumental de apreciação histórica às exigências de novos tipos de relações. Em suma, ou violentava os fatos ou brutalizava a ciência. Optou pela segunda forma, o que fez seu livro mais próximo da realidade nacional. Poderia ter ido além, se tentasse sistema-tizar, em termos de ciência, as conclusões a que chegou na investigação dos fatos. Teria realizado uma ciência autóctone, inferida, abandonando o apriorismo científico de que se contaminara em seus estudos iniciais. Mas acabou empregando um método de investigação antropológica aproximado daqueles que hoje são denominados “funcional-estrutural” e “de reconstrução histórica”.

Psicologicamente, Euclides da Cunha tendia à valorização do que presenciava. Um de seus tropos literários era esse, conforme o demonstra concludentemente Olímpio de Souza Andrade (“Linguagem, Poesia e Imaginação na História sem Fronteiras”, em **Revista do Livro**, no 15, set. 1959). Sílvio Rabelo anteriormente já havia chamado atenção para seus “superlativos sinceros”. Essa disposição do espírito, impregnada de lirismo, possibilitou a Euclides a reformulação de várias de suas teses. Sua ciência dizia que a mestiçagem enfraquecia a raça; mas seu contato com os jagunços de Canudos veio demonstrar o contrário; sua obra é a epopéia dos heróis miseráveis, dos gigantes da bravura que não conheceram a rendição. Em São Paulo, escrevia, de acordo com o pensamento oficial, que a República estava ameaçada com

as excentricidades do Conselheiro; na Bahia já proclamava o fanatismo bifronte, a injustiça que se cometa para com os infelizes combatentes de Canudos.

Temos, portanto, que contrapor em Euclides o homem de gabinete e o trabalhador de campo; o estudioso que tudo absorvia e o escritor que tudo dramatizava. Augusto Meyer apreende bem esse aspecto, ao confrontar o objetivismo científico desejado por Euclides e o “frêmito da frase nervosa”, traço marcante de seu estilo:

O que logo ressalta, no estilo de **Os sertões**, é certa dissociação entre os propósitos de objetividade científica e a crispatura, o ardor, o frêmito da frase nervosa, a intumescência lírica do período, em contraste com a atitude que o autor pretende manter, de médico-sociólogo, a examinar com a maior exaço um determinado problema de quadro clínico: o paciente, neste caso, é a República, e a doença é o fanatismo de Canudos (1956, p. 183/184).

Ainda em Augusto Meyer vamos encontrar o seguinte:

Sob o Euclides engenheiro, impregnado do espírito positivo da sua época, transparece o Euclides poeta, isto é, um homem de aguda sensibilidade, insaciado e inquieto, sofrendo as cousas na sua carne, com uma vocação insopitável para traduzirem transfiguração superior de vida poética e espetáculo da natureza, da paisagem humana, da visão histórica (1956, p. 185/186).

Mais adiante, vamos encontrar o seguinte: “Como explicar o sortilégio dessa prosa tão complicada, de leitura bem difícil para o modesto leitor médio? É que ele dramatiza tudo, a tudo consegue transmitir um frêmito de vida e um sabor patético” (1956, p. 188).

Todo o rompante verbal de Euclides, a sonora orquestração sintática, denuncia uma psicologia voltada para os grandes temas e as grandes elocuções. Franklin de Oliveira explora magnificamente o significado do monumental no autor de **Os sertões**. Refere-se às “grandes massas sonoras”, à “progressão imaginativa”, à “intensidade do pormenor” e ao “amor do monolítico”; fala-nos também na obsessão da palavra pela palavra, na vocação de ficcionista em Euclides da Cunha, a manifestar-se em sua capacidade para “movimentar massas, jogá-las sinfonicamente, larga e numerosamente”, em sua “concepção mítica do universo”, na “tendência constante para a antropomorfização”; e quando diz da “árdua procura da observação direta” (ob. cit., p. 296) deixa uma dúvida no leitor, quando é sabido que Euclides, para dramatizar, para va-lorizar o que presenciava, muitas vezes obscurecia o lado meramente documental da narrativa a fim de explorar o conteúdo emocional, as surpresas do estilo, a expectativa do leitor. Eugênio Gomes registra esses aspectos



com grande acerto, comparando versões diferentes de Euclides para os mesmos fatos. A razão, no caso, poderia estar com Franklin de Oliveira, se estivesse referindo-se à suplantação dos prejuízos científicos pela observação frontal dos fatos. Isso, conforme já vimos, define o contraditório no autor de **Peru versus Bolívia**, os dilemas gerados no entroncamento da cultura e da ação.

Como quer que seja, a estrutura psicológica do escritor em Euclides neutralizava e corrigia frequentemente as prenoções científicas, conduzindo-o a uma perspectiva mais acertada com os fatos históricos. O lirismo, a dramaticidade e a eloquência da prosa, atributos firmados na parte sentimental do espírito, amenizaram e valorizaram sua “prosa científica” e a rigidez parnasiana para a qual propendia. Nelson Werneck Sodré, a propósito, soube compreender bem o valor da veemência emocional do autor de **Os sertões**:

A um Euclides amador de teorias originadas de uma ideologia antinacional, a do colonialismo, Roquete Pinto opunha, assim, o Euclides formidável dos depoimentos exaustivos, dos testemunhos concludentes, da prática honesta. E aí está, sem a menor dúvida, a sua atenuante fundamental. Vendo o drama de uma gente cuja culpa estava ancorada no regime feudal, a que vivia jungida há séculos, e que apenas se rebelava para viver, e nem sendo primeiro no protesto, levantara um libelo grandioso (**Revista do Livro**, no 15, set/1959).

A disponibilidade que assinalamos em Euclides da Cunha, somada à sua natureza participante e às qualidades líricas de seu temperamento deram-lhe alicerce para superar o enquadramento cultural em que, durante algum tempo, se viu preso. Retomando surrada imagem a respeito de seu estilo, que o apresenta apoiando-se em frases curtas para desenvolver-se depois nos períodos longos e sonoros, assim como certos pássaros firmam-se em troncos mais baixos para desfechar os largos vôos, poderíamos definir as idéias científicas que ele utilizava como seu passo inicial para a fulgurante retórica a serviço das grandes causas, a que o levaram os vôos generosos de sua solidariedade humana.

### **Percalços do automatismo científico**

Embora servido de intuição admirável, de penetrante senso de observação e poder verbal fora do comum, Euclides da Cunha crivou sua obra de falsas interpretações dos fatos sociais, de meias-verdades e de análises se não deformadoras pelo menos restritivas dos acontecimentos a que foi levado a interpretar.

O problema social do sertão mereceu dele apenas uma explicação, vamos

dizer, geográfica. Procurou lançar em evidência o desnível entre a faixa litorânea do Brasil, em contato direto com o exterior e portadora de condições econômicas bem mais avançadas, e o sertão, insulado em nossa vastidão territorial, a conservar inutilmente um atraso centenário. É o que se lê em **Os sertões**:

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do País, um terço de nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copis-tas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separaram-no-los três séculos ... (1944, p. 205)

Em outra oportunidade, Euclides vai mais além, pois atribui às expedições republicanas e legalistas a condição de estrangeiros no solo sertanejo e, portanto, de invasores daquela região; “Viam-se (os expedicionários) em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pitoresca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa” (1944, p. 521). Sua defesa do jagunço, por isso mesmo, é feita em termos eloquentes - “Insulado no espaço e no tempo, o jagunço, um anacronismo étnico, só podia fazer o que fez - bater, bater terrivelmente a nacionalidade que, depois de o enjeitar cerca de três séculos, procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhes o brilho da civilização através do clarão de descarga” (1944, p. 363). Euclides da Cunha, então, não deixa passar a oportunidade sem inquirir as tropas republicanas dos mesmos estigmas que marcavam os jagunços e em nome dos quais eram estes combatidos. Por isso, refere-se ao fanatismo bifrontal, que havia tomado a uns e a outros. Quando historia o envio das primeiras tropas a Canudos, consigna em nota ao pé da página: “Pormenor curioso: a força seguiu a 12, ao anoitecer, para não seguir a 13, dia aziago. E ia combater o fanatismo...” (1944, p. 228). Ao narrar os feitos da Quarta Expedição, faz interessante paralelo entre os dois lados combatentes, mostrando-os sob os mesmos erros e exageros:

Há nas sociedades retrocessos atávicos notáveis: e entre nós os dias revoltos da República tinham imprimido, sobretudo na mocidade militar, um lirismo patriótico que lhe desequilibrara todo o estado emocional, desvaivando-a e arrebatando-a em idealizações de iluminados. A luta pela República, e contra

os seus imaginários inimigos, era uma cruzada. Os modernos templários, se não envergavam a armadura debaixo do hábito e não levavam a cruz aberta nos copos da espada, combatiam com a mesma fé inamolgável. Os que daquele modo se abatiam à entrada de Canudos tinham todos, sem excetuar um único, colgada ao peito esquerdo, em medalhas de bronze, a efigie do Marechal Floriano Peixoto e, morrendo, saudavam a sua memória - com o mesmo entusiasmo delirante, com a mesma dedicação incoercível e com a mesma aberração fanática, com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus misericordioso e milagreiro... (1944, p. 467).

Euclides da Cunha, contudo, não foi mais além na sua crítica. O fator geográfico era importante, mas refletia outro fator, este sim, fundamental. Deixou de analisar as relações de produção e observar que a sociedade capitalista do litoral constituía um avanço em relação à sociedade latifundiária e escravocrata do sertão. A contradição geográfica - litoral/sertão - subalterniza-se em confronto com as contradições geradas em torno dos meios de apropriação e utilização da riqueza. O atraso do sertanejo decorria, em essência, dos métodos de exploração a que estava sujeito.

Rui Facó, no artigo citado, aborda por alto o problema agrário em Euclides da Cunha. Da mesma forma o faz Franklin de Oliveira, que assim se pronuncia - "... não surpreende que, embora em estado informe, Canudos apresentasse características ou, pelo menos, traços, laivos de revolta agrária" (p. 305). Anteriormente, o autor de **A fantasia exata** já havia denunciado a ausência de explicação econômica para o movimento encabeçado por Antônio Conselheiro:

Euclides não chegou a dar importância devida aos fatores econômicos na exegese de Canudos. Quando saiu da área da interpretação geográfica e racial foi cair na explicação psiquiátrica, apoiado no maranhense Nina Rodrigues (p. 304).

O certo é que Euclides, aferrado à Etnologia, à Antropologia e ao estudo do meio geográfico, limitou por demais seu horizonte de observação do fato social, procurando tirar da diferença das raças e da diversidade do solo e do clima todas as razões que faziam diferir os padrões de vida do litoral e do sertão brasileiros.

Interessante observar que Euclides estuda o fenômeno que chamaríamos de sedentarização do jagunço em Canudos, operada em razão de uma fixação mítica. Justamente o inverso do que viria a realizar o genial Guimarães Rosa, que explorou o nomadismo do mesmo grupo humano.

## ESCRITOR OBSTINADO, PATRIOTA INFLEXÍVEL

### Rumo ao Amazonas, em missão diplomática

Teve Euclides da Cunha a incumbência de chefiar a Comissão Brasileira para, juntamente com a comissão peruana, definir as fronteiras do Alto do Rio Purus. Desempenhou o encargo, em missão atribuída pelo Ministro Rio Branco, das Relações Exteriores, com alta competência e determinação, o já famoso escritor de **Os sertões**.

Euclides da Cunha enfrentou vários empecilhos, tendo-se preparado demoradamente para bem cumprir as atribuições que lhe foram confiadas. As fronteiras com a Bolívia foram determinadas pelo Tratado de Petrópolis em 1903. Pelo tratado, o Brasil, pela conquista do Acre, retribuiu a Bolívia com outras terras medindo 3.164 km<sup>2</sup>, mais 2 milhões de libras esterlinas e a estrada de ferro Madeira-Mamoré. Já as fronteiras com o Peru se concluíram em face dos acordos firmados pelo Barão do Rio Branco com o Ministro peruano Hernan Verlarde, a 12 de julho de 1904. Para a delimitação, seguiram duas comissões mistas, brasileira e peruanas, uma rumo ao Alto do Juruá, outra em direção do Alto do Purus.

Euclides da Cunha, com o mesmo espírito de observação e largo impulso de solidariedade, confrontou-se com outro Brasil, no qual vicejava uma população tão miserável quanto a de Canudos, talvez mais exposta ainda à exploração de suas energias. É que, no mercado internacional, vigorava o comércio da borracha, extraída do látex da seringueira. E o Amazonas, especialmente o Acre, detinha, então, a quase totalidade da produção da borracha. “Entre 1893 e 1897, ano em que começou a luta armada pela dominação do Acre, a Amazônia exportou 54.360.661 quilos do produto dos seringais, ...” (RABELO, 1948, p. 308).

Euclides da Cunha almejou registrar o seu testemunho numa obra de grande dimensão, a que já atribuíra o título de **O paraíso perdido**. Na atribulada viagem que empreendeu, foi tomando notas, quer para o Relatório a ser encaminhado ao Barão do Rio Branco, quer para registrar a extraordinária faceta humana da população com que se envolvera. Já era um escritor maduro e consagrado.

Em Belém, Euclides da Cunha encontrou-se com Emílio Goeldi e Jacques Huber, no Museu do Pará. Este último o impressionou de modo especial. Em Manaus, cidade a que chegou a 20 de outubro de 1904, hospedara-se na casa de Alberto Rangel, condiscípulo da Escola da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro (mais tarde viria a preficiar a obra de contos de Alberto Rangel, **Inferno verde** de 1908).

A Comissão peruana se mostrara mais bem equipada do que a brasileira. A 21 de maio, o batelão “Manuel Urbano” foi de encontro a um enorme madeiro de

camarurana e naufragos. A Comissão brasileira perdeu, com isso, o seu barco de víveres. Na singradura, juntaram-se às dificuldade de navegação as de abastecimento.

Em franca vazante, primeiro houve o encalhe das lanchas “Fênix” e “Santos Dumont”; depois, as canoas subiam “a pulso” e os remadores não dispunham de compensações alimentícias. A população definhava de fome e febre. Houve 5 insurretos, mandados presos, de volta, para Cataí. A comissão se reduzira a 9 pessoas. A 18 de julho chegava a expedição à Forquilha do Purus, somente conhecida de traficantes de caucho. W. Chandless avançara pelo braço de Cujar, como Euclides da Cunha. Mas não atingira, como este, a sua última cabeceira. Desvendara-se, assim, a nascente mais distante do Purus.

A região do Amazonas, em face de sua repentina riqueza, fora infestada de contrabandistas, aventureiros e atravessadores. Havia companhias de transportes que aliciavam milhares de famílias cearenses, fugidas da seca e da fome, para trabalharem nos seringais, mediante um regime de subordinação em nada diferenciado daquela do período da escravatura. Para Euclides, citado por Sílvio Rabelo,

[...] O seringueiro trabalhando cada vez mais para ser escravo. A organização do trabalho da região, para ele, ‘a mais pecaminosa organização de trabalho que ainda engehou o mais desaçamado egoísmo (1948, p.366).

Assinala Sílvio Rabelo:

Apagadas as primeiras impressões da ‘terra sem história’, Euclides fixou a sua atenção sobre os rios em abandono, sobre o clima caluniado. Ele não considerou propriamente os rios nem propriamente o clima, mas o homem, a sua possibilidade de adaptação e de sobrevivência, estudando uns e outro. Depois considerou a destruição da terra, a devastação das matas, os construtores de ruínas, tudo gerando o nomadismo, a instabilidade social, o regime de escravidão. (1948, p.374).

Vejamos um episódio muitas vezes relatado, em que é dado a Euclides da Cunha afirmar o seu patriotismo de modo desafiador. Havia um aventureiro, escravizador de índios, libertino, mantenedor de um verdadeiro harém, Elói Barbaran, que ofereceu às duas Comissões um almoço de homenagem. Bandeiras peruanas de todos os tamanhos enfeitavam o barracão tosco. Nenhuma do Brasil. Euclides da Cunha, impulsivo, pensou em retirar-se, mas observou entre as ramagens verdes que ornamentavam as paredes algumas folhas amarelas de palmeiras, contrastantes. Antes de chegar a sobremesa, Euclides fez um discurso patriótico. Agradeceu ao anfitrião a gentileza de ter escolhido a bandeira do Brasil não “no seio mercenário de uma fábrica”, mas “no seio majestoso das matas, tomando-a justamente da árvore que

entre todas simboliza as idéias superiores da retidão e da altura.” Elói Barbaran não se deu por achado. Respondeu: “Usted comprendió mui bién nuestro pensamiento...” (apud Silvio Rabelo, Euclides da Cunha, Rio: Casa do Estudante do Brasil, 1948). O mesmo episódio consta de **Um paraíso perdido** de Leandro Tocantins, com o título “A minha terra é retilínea e alta como as palmeiras” (p. 208).

Outra circunstância de heroísmo, desprendimento e patriotismo é relatada pelo próprio Euclides na conferência que pronunciou no Centro Onze de Agosto com o título de “Castro Alves e seu tempo”, publicada no Rio, Imprensa Nacional, 1907. Dela tirou Leandro Tocantins o trecho constante de **Um paraíso perdido** a ressaltar o nacionalismo de uns poucos brasileiros, em situação deplorável, mas resolutos diante do pavilhão nacional: “As promessas divinas da esperança” (p. 210).

Consta que, em determinada situação, acometido de enfermidades contraídas na viagem, enfraquecido, não obstante a companhia do primo Arnaldo Pimenta da Cunha, foi-lhe sugerida a volta a Manaus, antes do término da demarcação das fronteiras. A reação de Euclides da Cunha teria sido peremptória: “melhor seria morrer a serviço da pátria do que buscar a proteção de serviços médicos mais confortáveis”. O projeto pessoal, posterior à Comissão do Alto Purus, seria entregar-se de corpo e alma à escrita de **O paraíso perdido**.

Deste modo, volto às minhas vivências com a obra de Euclides da Cunha. Analisei o escritor e o cientista social no cinquentenário de sua morte (1959), voltei, em 1966, à obra de EC a fim de investigar o cientista social, tendo como apoio a edição de **Os sertões: Campanha de Canudos** (1966). Era o ano do centenário do nascimento de Euclides da Cunha.

No ano de 2009 enfrentei de preferência **Um paraíso perdido**, obra prometida por Euclides da Cunha antes de sua morte, em cartas aos amigos como Firmo Dutra (a 30.09.1906) e Francisco Escobar (a 13.06.1906), ao qual diz: “Em paz, portanto, esta rude pena de caboclo ladino. Ou melhor: que vá alinhando as primeiras páginas de **Um paraíso perdido**, o meu segundo livro vingador.” Insista-se nesta afirmativa de Euclides: “o meu segundo livro vingador”.

Evoco aqui as duas coleções de **Um paraíso perdido**, organizadas primeiramente por Leandro Tocantins, como “Ensaaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia” (Rio: José Olympio, 2ª ed., 1994) a mim remetido com amável dedicatória do autor; outra edição de **Um Paraíso Perdido**, preparada pela Fundação Cultural do Estado do Acre, baseada na obra de Leandro Tocantins acrescida de cartas de Euclides da Cunha constantes de **Euclides da Cunha a seus amigos** de Francisco Venâncio Filho, vol. 142 da Coleção Brasileira, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

Em síntese: Euclides da Cunha, como cientista social, superou o estudioso de

gabinete pela observação participante, curioso da miséria humana. Nisso, realizou a autocrítica do republicano exaltado, todavia conservador, que abrigava dentro de si. Graças ao convívio com as idéias mais humanitárias, abandonou aos poucos a influência do racismo convencional e preconceituoso, do Conde de Gobineau a Ludwig Glompowicz. Contribuiu para o seu avanço político e cultural a presença sempre amiga de Francisco Escobar, em São José do rio Pardo, com quem manteve ativa correspondência ao longo da vida.

Aliás, o escritor integrava de tal modo a vida de Euclides da Cunha que, em todas as suas atividades, compunha o seu modo de ser e sua visão do mundo. Assim, Ciência e Arte se completavam na integração da sua personalidade. Com o passar dos anos nota-se que no seu espírito evoluía a hegemonia das Artes. Os seus acertos maiores provieram desse lado, com a abertura de seus conceitos para a contemporaneidade da questão social. Enquanto a Ciência apontava-lhe o campo desfalecido e morto do passado, no qual se depositavam as velharias superadas, a barbárie e a prepotência, as Artes abriam-lhe as paisagens do futuro promissor, em que rutilavam as esperanças da solidariedade humana. Euclides da Cunha chegou a vislumbrar o Socialismo como força exponencial de agregação dos homens para a construção de uma sociedade mais justa.

Os jagunços de Canudos e os seringueiros do Amazonas fizeram-no voltar-se para as camadas espoliadas da nacionalidade. O seu amor pelo Brasil levou-o a verberar as leis, os usos e os costumes que subtraíam dos humildes os direitos mais elementares. Euclides da Cunha, aos poucos, foi deixando de enfatizar o embate das raças, para concentrar-se na luta de classes como o motor da desigualdade brasileira, foco de todas as violências.

Em face da escravidão que contemplara na Amazônia, solicitou, para o país, “uma lei de trabalho que nobilite o esforço do homem”. Desse modo, persistia nele o mesmo ardor com que fundara em São José do Rio Pardo o clube “Os filhos do Trabalho”, sociedade de beneficência. Assinaram a ata de fundação, a 25 de setembro de 1900, além de Euclides, os amigos Francisco Escobar, Pascoal Artese, Lafaiete de Toledo, Adalgiso Pereira, José Honório de Silos e alguns outros “avançados”.

Euclides da Cunha, em 1901, divulgou um manifesto em que propunha, entre outras reivindicações, a organização do trabalho como único fator de riqueza; a fixação de oito horas de jornada; a criação de tribunais arbitrais para dirimir as questões entre patrões e operários; pensão para inválidos; casa operária; nacionalização do crédito e medidas repressivas contra a usura; imposto sobre a renda; substituição das forças armadas pelo povo armado; instrução e justiça gratuitas; emancipação da mulher e o divórcio. Vejam bem: ano de 1901! Hoje várias de suas reivindicações, após muita luta e sofrimento, foram atendidas.

O cientista/escritor não se conformava com a existência do latifúndio monocultor na Amazônia. Conforme exprime em **Contrastes e confrontos**, no capítulo “Um velho problema”:

Realmente, as catástrofes sociais só podem provocá-las as próprias classes dominantes, as tímidas classes conservadoras, opondo-se à marcha das reformas - como a barragem contraposta a uma corrente tranquila pode gerar a inundação. (1966, p. 195/196).

Aliás, é em **Contrastes e confrontos** que encontramos a reprodução do agudíssimo artigo de Euclides da Cunha, primitivamente publicado em **O Estado de São Paulo**, a 21 de outubro de 1901: “Fazedores de Desertos”. É tão atual e profundo que deveria ser reproduzido e distribuído a todas as escolas, públicas e particulares do Brasil, como leitura obrigatória dos estudantes. Fala dos incêndios e das queimadas na Amazônia. Recorda: “Foi a princípio um mau ensinamento do aborígene. Na agricultura do selvagem era instrumento preeminente o fogo.” (1901, p. 182).

A seguir, prossegue: “Veio depois o colonizador a copiar o processo. Agravou-o ainda com se aliar a sertanista ganancioso e bravo, em busca do silvícula e do ouro”. Registra os diferentes tipos de exploração da terra, inclusive as explorações “mineiras a céu aberto”. Condena “tais selvaticezas (que) atravessaram toda a nossa História”. E prossegue: “Mais violentas no Norte, onde se firmou o regimen pastoril nos sertões abusivamente sesmados, e desbravados a fogo - incêndios que duravam meses derramando-se pelas chapadas em fora - ali contribuíram para que se estabelecesse, em grandes tratos, o regimen desértico e a fatalidade das secas.” (1901, p. 182). Recorda ainda que “a temperatura altera” e vai progredindo seu estudo, numa linha admirável, que encanta, instrui e serve hoje, mais de um século após, de comezinha lição aos brasileiros de todos os tempos.

Que pena que Euclides da Cunha, cujo testemunho da vivência amazônica se inscreve nas obras **Peru versus Bolívia** (1907), **Contrastes e confrontos** (1907), **À margem da história** (póstuma, 1909) e no **Relatório da Comissão Mista Brasileira-Peruana de Reconhecimento do Alto-Purus e notas complementares** (1906), não tenha podido concretizar “o meu segundo livro vingador”, segundo escreveu a Francisco Escobar.

Na mesma carta, Euclides da Cunha apensou a seguinte reflexão, com que fechamos esta referência ao prodigioso pensador e homem de Letras brasileiro: “se o fizer, como o imagino, hei de ser (perdôa-me a incorrigível vaidade), hei de ser para a posteridade um ser enigmático, verdadeiramente incompreensível entre os homens ...”



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Olímpio de Souza. Linguagem, poesia e imaginação na história sem fronteiras em **Revista Livro**, n.15, 1959.

CUNHA, Arnaldo Pimenta. Exposição. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía**, v.26, 1919.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 17.ed. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1944.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha**: obra completa. v.1. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.

\_\_\_\_\_. **Os sertões: Campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1966.

\_\_\_\_\_. **Contrastes e confrontos**. 8. ed. [s.e.: s.n.], 1941.

CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FACÓ, Rui. A evolução do pensamento de Euclides da Cunha. **Estudos Sociais**, n.6.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Euclides da Cunha a seus amigos**. (Brasiliana, 142). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

FREYRE, Gilberto. **Atualidade de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: CEB, 1943.

LUSO, João. Introdução in: CUNHA, Euclides da. **Contrastes e confrontos**. Lisboa: Liv. Lello & Irmão, 1941.

MEYER, Augusto. **Preto e branco**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

OLIVEIRA, Franklin. **A literatura do Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio [s.e.: s.n., 19\_\_], v. II, tomo I. Niterói: UFF, 1986, v.4.

RABELO, Silvio. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1948.

RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Andes, 1957.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1908.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A ideologia do colonialismo**. Rio de Janeiro: IESB, 1961.

\_\_\_\_\_. Revisão de Euclides da Cunha: **Revista do Livro**, n.15, 1959.

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Manaus, Edições do Governo do Estado, 1966.